

No fim de uma
viagem inesquecível
pode estar um novo
caminho a seguir.

A MELHOR LEMBRANÇA

VI KEELAND
PENELOPE WARD

AUTORAS BESTSELLER DO *NEW YORK TIMES*

TOP
SEL
LER

PARTE UM

1

Hazel

— **B**oa tarde. Ligou para o Four Seasons Resort, em Vail, Colorado. Pretende que reencaminhe a sua chamada?
Soltei um suspiro profundo.

— Olá. Fiz o check-out esta manhã. Tinha uma reserva para dez dias, mas acabei por ficar só duas noites. Será que o quarto que me foi atribuído ainda se encontra disponível? Ou qualquer outro quarto, já agora. O meu voo foi cancelado por causa da tempestade.

— Deixe-me ver. Qual é o seu apelido?

— Appleton. — Abanei a cabeça. — Quer dizer, a reserva foi feita com o apelido Ellis. É o apelido do meu noivo. — *Ex-noivo, melhor dizendo.* Mas, naquele momento, eu não me importava que ela me tratasse por Sra. Ellis se isso significasse que teria um quarto para dormir esta noite.

— Dê-me uns minutos para eu verificar o seu pedido.

— Obrigada.

Sentei-me na receção do Best Western, o terceiro hotel onde tinha ido nas últimas duas horas. Que parvoíce a minha, ter feito o check-out esta manhã. Mas pelo menos tinha sido coerente. Depois de ter tido a péssima ideia de gozar sozinha a minha lua de mel que já estava marcada, tinha tido a brilhante ideia de fazer o check-out ao fim de apenas dois dias de estadia... *sem* verificar as condições meteorológicas em Vail. Quando cheguei ao aeroporto, não fazia a menor

ideia de que se aproximava uma tempestade. Mas a companhia aérea assegurou-me que o meu voo seria realizado conforme previsto. E mantiveram a palavra até cerca de cinco minutos antes da hora marcada para embarcarmos. Foi nessa altura que avisaram os passageiros de que o voo estava com um atraso de duas horas. Duas horas passaram para três e três passaram a cinco, e quando já estávamos sentados há seis horas em cadeiras de plástico desconfortáveis junto à porta de embarque, finalmente admitiram que o voo seria cancelado. Nessa altura, já todos os outros voos tinham sido cancelados. E agora parecia que todos os hotéis estavam lotados.

A telefonista do hotel regressou à chamada.

— Sra. Ellis?

Retraí-me ao ouvi-la tratar-me assim, mas, mesmo assim, respondi.

— Sim?

— Lamento, mas depois de ter feito o check-out o quarto foi ocupado. Estamos lotados esta noite por causa da tempestade.

Suspirei. *Claro que estão.*

— Está bem. Obrigada.

Nos últimos dias, andava com muito pouca sorte. Liguei para mais quatro hotéis até finalmente um deles me confirmar que talvez tivesse alguns quartos livres. Pelos vistos, alguns hóspedes ainda não tinham feito check-in e o hotel estava a ligar a cada um deles para confirmar as reservas. Caso estivessem livres, os primeiros hóspedes a chegar ficariam com os quartos. Por isso decidi arriscar e encaminhar-me para o hotel. Já eram 19 horas e não valia a pena continuar sentada no aeroporto. Para minha surpresa, o serviço de *Uber* continuava a funcionar, apesar de o aeroporto estar encerrado há algumas horas.

À entrada do aeroporto a neve caía com toda a força. Um SUV enorme com correntes de neve nos pneus parou em frente à porta. Não conseguia verificar a matrícula nem ver o modelo e a marca do veículo, uma vez que estavam cobertos de neve, por isso encaminhei-me para o carro e fiz sinal ao condutor para baixar o vidro.

— A senhora é a Hazel? — perguntou a senhora de alguma idade que estava ao volante.

Sorri.

— Sim.

— Quer ir para o Snow Eagle Lodge?

— Sim, por favor.

Apesar de o hotel mais próximo ficar a apenas três quilómetros, a viagem demorou quinze minutos. Quando chegámos ao hotel, já estava tudo coberto de neve. Decerto não era seguro conduzir naquelas condições.

— Meu Deus, o tempo está péssimo — disse eu, enquanto puxava o capuz do meu casaco. — Conduza com cuidado.

— Sim, querida. Daqui vou direta para casa. Só a trouxe até aqui porque ficava a caminho. Ainda bem que já está no hotel. Esta noite ninguém vai andar na estrada.

Que bom. Esperava mesmo que o hotel tivesse um quarto para mim.

Enquanto saía do carro, uma rajada de vento atingiu-me o rosto, apesar de estarmos estacionados debaixo da cobertura do edifício. Estava tanto vento que parecia que alguém tinha agitado um globo de neve com toda a força. Já dentro do hotel, limpei os flocos de neve das pestanas e olhei em redor da receção.

Oh, não.

Aquilo não ia correr bem. À minha frente tinha pelo menos trinta ou quarenta pessoas a formarem cinco filas, enquanto esperavam para chegar à receção. Suspirei e posicionei-me com a minha mala atrás da última pessoa. Mais de meia hora depois, cheguei finalmente à parte da frente.

— Olá. Liguei há pouco e falei com um funcionário que me disse que havia a possibilidade de alguns quartos ficarem livres e que iriam contactar os hóspedes que ainda não tinham aparecido para saber se sempre vinham ou não.

A mulher acenou gravemente com a cabeça com uma expressão de desapontamento.

— Pois. Posso colocar o seu nome na lista de espera. Mas ainda estamos a fazer chamadas e, para ser sincera, o cenário não parece favorável.

Deixei descair os ombros.

— Está bem. Por favor, adicione o meu nome à lista de espera.

A mulher pegou num bloco de notas com mola e pousou-o no balcão. Em seguida, folheou algumas páginas e virou-o para mim, apontando para a linha vazia seguinte. Só restavam mais duas linhas vazias nessa página.

— Basta adicionar o seu nome e número de telemóvel.

Escrevi o meu nome e número de telemóvel e voltei a prender as folhas anteriores à minha. Reparei que a folha no topo era exatamente igual à que eu tinha assinado e que havia mais cinco ou seis páginas iguais, por isso decidi folhear todas as páginas. Devia haver pelo menos uma centena de nomes e números de telemóvel.

— Estes nomes estão *todos* na vossa lista de espera?

A funcionária do hotel acenou com a cabeça.

— Quantas pessoas ainda não fizeram o check-in?

— Penso que uma dúzia.

Oh, meu Deus. O cenário não era mesmo favorável. Mas talvez as pessoas tivessem acrescentado o nome e tivessem ido embora, como acontece nos restaurantes lotados. Talvez as pessoas que estavam à minha frente na lista tivessem encontrado outros hotéis.

Dei meia-volta e foi aí que toda a esperança que tinha se desvaneceu de imediato. Todos os bancos da receção atrás de mim estavam ocupados. Havia inclusive algumas pessoas sentadas no chão e encostadas à bagagem. Sendo que já me restavam poucas opções, encontrei um espaço vazio no chão numa zona com tapete, relativamente próxima do balcão do *concierge*. Embora soubesse que era um esforço em vão, peguei no *iPad* e continuei à procura de um hotel que estivesse livre. No entanto, mesmo que encontrasse um hotel livre, naquelas condições seria preciso um milagre para eu conseguir chegar lá.

O balcão do *concierge* estivera vazio enquanto eu fazia chamadas e navegava na Internet, mas agora havia duas mulheres a encaminhar-se para lá. Reconheci a gerente, uma vez que tinha passado meia hora a olhar para as pessoas que estavam atrás do balcão da receção enquanto esperava na fila. A outra funcionária tinha um crachá e um

bloco de notas na mão. Não consegui deixar de escutar a conversa delas enquanto estava ali sentada.

— Ainda não conseguimos falar com estas sete pessoas — disse a gerente. — Os hóspedes dos outros quartos já fizeram o check-in e os que sobravam foram passados para pessoas que estavam na lista de espera.

A funcionária folheou as páginas e olhou em redor da receção cheia de gente.

— Credo. E dizem que a tempestade vai durar dias.

Pelo canto do olho, vi um homem que estava na outra ponta do balcão do *concierge*. Tinha as costas voltadas para as mulheres que estavam a conversar, mas vi-o virar o pescoço, por isso deduzi que ele também estaria a ouvir a conversa. Calculei que ele estaria tão aborrecido quanto eu, por isso voltei novamente a atenção para o meu *iPad* até que, uns minutos depois, o vi usar uma caneta para escrever qualquer coisa na palma da mão.

Mas que raio estaria ele a fazer?

Ele continuou a escrever durante alguns segundos e depois pareceu voltar novamente a atenção para a conversa. A gerente já se tinha ido embora e deixado a funcionária a fazer as chamadas. Ela desligou a chamada que estava a fazer e voltou a marcar um número.

— Olá. Daqui fala a Catherine do Snow Eagle Lodge. Gostaria de falar com o Milo ou com a Madeline Hooker.

Assim que ela disse os nomes, o abelhudo voltou a escrever qualquer coisa na mão.

A Catherine continuou a transmitir a mensagem.

— Só queria confirmar se sempre chegaria esta noite. A sua reserva está garantida, por isso iremos mantê-la o tempo que precisar. No entanto, se a tempestade tiver causado alguma mudança nos seus planos de viagem, temos um grande número de hóspedes em lista de espera que poderiam usar os dois quartos que reservou. O meu número é o 970-555-4000, por isso agradecia-lhe que retribuísse esta chamada assim que puder. Obrigada.

O mesmo aconteceu nas duas chamadas que se seguiram. Ela deixou uma mensagem e o abelhudo escreveu na mão. Curiosa com

o que ele estaria a tramar, continuei com o olhar pregado nele. A funcionária do hotel regressou à receção depois de acabar de fazer as chamadas. O abelhudo pegou na mochila e, como se nada fosse, meteu por um corredor ali perto. Inclinei-me para ver onde ele se dirigia e, a dado momento, ele puxou o capuz para a cabeça e saiu por uma porta lateral que eu nem tinha visto.

Achei aquele comportamento estranho, mas pensei que o espetáculo tinha acabado.

Contudo, uns minutos depois, um homem com o mesmo casaco de esqui entrou pela porta da receção. Ele baixou o capuz e consegui ver-lhe o rosto pela primeira vez.

Caramba, era jeitoso. Tinha cabelo castanho ligeiramente desgrenhado e a precisar de um corte, lábios grossos, olhos cor de avelã e pele bronzeada. O seu tom de pele quente destacava-se da cor pálida da maioria dos habitantes do Colorado nesta altura do ano, incluindo a minha. Era uma pena eu odiar os homens neste momento, porque este era verdadeiramente bonito. Ele limpou parte da neve que lhe cobria os ombros do casaco e pôs-se na fila. A fila estava agora mais reduzida e ele tinha apenas dois homens à frente, sobretudo porque as pessoas já não se arriscavam a sair à rua com esta tempestade. Não fazia a menor ideia do que me tinha possuído para fazer o que fiz, mas decidi levantar-me e pôr-me atrás do homem. Talvez estivesse a imaginar coisas para me manter distraída, mas tinha a nítida sensação de que ele estava a tramar alguma.

Quando chegou a vez de ele ser atendido na receção, eu aproximei-me o mais possível para conseguir ouvir sem parecer estar a assediá-lo.

— Olá. Venho fazer o check-in — disse o homem.

— Ótimo. Qual é o seu apelido?

Ele pigarreou.

— Hooker. Milo Hooker.

Eu semicerrei os olhos. O tipo era um mentiroso do piorio. *Eu sabia!*

Sem suspeitar de nada, a funcionária do hotel clicou numa série de letras do teclado e sorriu.

— Tenho aqui a sua reserva. Dois quartos para duas noites, com pequeno-almoço incluído. Está correto?

— Hum... — O tipo acenou com a cabeça. — Sim. Reservei dois quartos. Mas afinal só vou precisar de um. — Ele olhou por cima do ombro. — Mas parece que não terão dificuldade em ocupar o outro quarto.

Ela sorriu.

— Não, definitivamente não. Só preciso de um cartão de crédito e do seu bilhete de identidade, Sr. Hooker.

Fiquei à espera. Este era o momento da verdade. Se ele não fosse o Milo Hooker, teria de inventar uma desculpa qualquer.

O homem enfiou a mão no bolso da frente como se fosse retirar de lá a carteira. Por instantes, achei que estaria equivocada, mas depois ele pegou num maço de notas.

— Perdi a carteira nas pistas de esqui hoje. Felizmente, tinha pedido que me enviassem dinheiro pela Western Union antes de a tempestade piorar. Posso pagar com dinheiro?

A jovem hesitou.

— Não tem nenhuma forma de comprovar a sua identidade? Não posso fazer o check-in dos hóspedes sem ter uma fotografia.

O Milo Falso decidiu lançar o seu charme, inclinando-se para a frente e mostrando as suas covinhas fundas.

— Podíamos tirar uma *selfie* juntos, que lhe parece?

A mulher soltou um risinho. *A sério, ela soltou um risinho.*

— Deixe-me só confirmar com a gerente.

Desapareceu para as traseiras e regressou uns minutos depois com a gerente.

Tive uma ideia maluca. *Ela disse que havia dois quartos...* Decidi, num impulso, aproximar-me do balcão.

— Aqui estás tu, Milo. — Pousei a mão no ombro do homem. — O meu voo foi cancelado. Espero que ainda tenham os nossos quartos.

O Milo Falso deu meia-volta e olhou para mim com as sobrancelhas franzidas.

Ele ia estragar a farsa se eu não fizesse alguma coisa, por isso voltei a atenção para as duas funcionárias do hotel.

— Eu e o meu irmão reservámos quartos para duas noites, mas eu estava a tentar escapar-me antes de começar a tempestade. É claro que me saiu o tiro pela culatra. Passei todo o dia no aeroporto. Digam-me que ainda têm o meu quarto. Só quero tomar um banho quente.

O Milo olhou para mim e depois para as funcionárias do hotel e depois novamente para mim. Eu sorri e arqueei uma sobrancelha. Por instantes, quase tive pena do fulano. Ele parecia completamente desnorteado. Uma vez que ele parecia continuar sem saber o que dizer, achei que mais valia continuar a falar.

— Fomos esquiar de manhã cedo e roubaram-nos as mochilas. Por causa do roubo e da tempestade que se aproximava, achei que era um sinal de que devia voltar mais cedo para casa. Pelos vistos, a Mãe Natureza tinha outros planos. Devemos ter reservado dois quartos com os nomes Milo e Madeline Hooker. Por acaso, alguém nos deixou uma mensagem a pedir que confirmássemos a chegada. Chamava-se Catherine, penso eu.

A funcionária do hotel acenou com a cabeça.

— Fui eu. Há muitas pessoas que ficaram aqui retidas sem estarem a contar e que não têm quarto, por isso estamos a contactar os hóspedes que ainda não chegaram.

O olhar da gerente alternou entre mim e o Milo Falso.

— Precisamos de um depósito de 100 dólares para pagar eventuais incidentes em cada um dos quartos, uma vez que não têm cartão de crédito.

Sorri.

— Claro.

A gerente acenou com a cabeça na direção da funcionária.

— Faz o check-in. Não há problema.

O homem ao meu lado continuava de boca aberta. Por isso, enfiei a mão dentro da mala, tendo o cuidado de não mostrar a carteira, que alegadamente fora roubada, e puxei o dinheiro.

— Qual é o preço dos quartos? — perguntei à funcionária.

— Deixe-me ver. Com as taxas, ficam por 342 dólares cada um para as duas noites, e a este valor acresce o depósito de 100 dólares.

Merda. Achava que não tinha tanto dinheiro. Contei o dinheiro que tinha na mão e entreguei-o à frente do Milo Falso.

— Podes emprestar-me 40 dólares? Sabes que não te vou pregar um calote, mano.

— Hum... sim. Claro.

Depois de pagarmos e de recebermos as chaves dos quartos, caminámos lado a lado até ao elevador em silêncio. Só quando estávamos sozinhos e as portas do elevador se fecharam é que o Milo se virou para mim.

— Que raio acabou de acontecer?

Soltei uma gargalhada.

— Arranjámos dois quartos, foi isso que aconteceu.

Ele abanou a cabeça.

— Mas quem és tu?

— Reparei em ti quando estavas junto ao balcão do *concierge* a ouvir a funcionária enquanto ela ligava aos hóspedes que ainda não tinham chegado. — Estiquei o braço e peguei na mão do homem e, logo de seguida, abri-a para revelar a tinta azul. — Escreveste os nomes dos hóspedes. Achei estranho, por isso segui-te até à receção para ver o que andavas a tramar. Quando inventaste aquela história mirabolante de que tinhas perdido a carteira para poderes justificar o facto de não teres nenhum documento de identificação, eu percebi que estavas a mentir à descarada. — Encolhi os ombros. — Quando a mulher disse que a reserva incluía *dois quartos*, vi uma oportunidade e aproveitei-a.

— Como é que sabias que eu não te ia desmascarar?

Sorri.

— Não sabia. Mas isso é que tornou tudo tão divertido! — Cobri o peito com a mão. — Parece que o meu coração vai sair da caixa torácica neste momento. Há muito tempo que não fazia nada tão arriscado.

Os olhos dele perscrutaram-me o rosto. Estava com a sensação de que ele ainda não sabia se deveria confiar em mim, apesar de eu ter acabado de lhe explicar o que tinha feito. Ele baixou o olhar para os meus lábios, que continuavam curvados num sorriso entusiasmado.

— Porquê?

Franzi a testa.

— O quê?

— Porque é que há muito tempo não fazes nada arriscado? Parece-me que gostaste.

Pestanejei algumas vezes, pois não contava com uma pergunta que me tocasse num ponto tão sensível, e o meu sorriso desvaneceu-se.

— Não sei. Acho que, de certa forma, me tornei uma pessoa diferente nos últimos anos.

O olhar do Milo Falso pregou-se no meu. Tínhamos passado de uma mentira elaborada e de uma troca de gargalhadas para uma seriedade estranha. O olhar dele caiu sobre os meus lábios e depois ele desviou-o novamente.

— É uma pena. Tens um lindo sorriso.

Uma sensação de calor percorreu-me o corpo e eu não consegui desviar o olhar daquele estranho, pelo menos até se ouvir a campainha do elevador e as portas a abrirem em direção ao terceiro andar.

— É este o nosso andar — disse ele. — Quartos 320 e 321.

— Ah. Pois. Está bem. — Saí do elevador e segui a sinalética que indicava os nossos quartos. Uma vez que éramos familiares, tínham-nos posto em quartos adjacentes. Mantivemo-nos ligeiramente afastados enquanto abríamos as respetivas portas. Só quando estava a rodar a maçaneta para entrar é que me lembrei.

— Quase me esquecia! Devo-te 40 dólares pelo quarto.

Ele sorriu.

— Não te preocupes com isso.

— Não sejas tonto. Só não tinha dinheiro suficiente comigo e não queria entregar um cartão de crédito à mulher quando, supostamente, nos tinham roubado as carteiras. Vou guardar a mala no quarto e descer para ir levantar dinheiro. De certeza que há um multibanco algures.

— Pensei que estavas ansiosa por um banho quente, ou estavas a fingir?

Soltei uma gargalhada.

— Não, por acaso não estava. Não estava a mentir quando disse que passei o dia todo no aeroporto. Um banho quente soa-me lindamente neste momento. Mas primeiro posso ir levantar o dinheiro que te devo. Não demora muito tempo.

O Milo Falso esfregou a barba do queixo.

— Fazemos assim. Vou tomar um duche rápido e depois vou descer para ir beber um copo ao bar. Toma o teu banho. Podes ir lá ter comigo depois para me dares o dinheiro.

— Está bem.

Por instantes, ficámos a olhar um para o outro.


— Pronto, então desfruta do teu banho, mana.

Sorri.

— Obrigada, Milo. Até já.

2

Hazel

—  lá. Depois do meu banho, encontrei o Milo exatamente onde ele disse que estaria... no bar.

Girou no banco alto e esboçou um sorriso.

— O que se passa, Hooker?

— Perdão?

— É o nosso apelido, Madeline. — Ele riu-se baixinho.

Sorri.

— Ah. Diria que sim.

— Acho que pareces mais uma Maddie do que uma Madeline — atirou, dando mais um gole na garrafa de cerveja.

Soltei uma gargalhada.

— Ainda bem que não disseste que eu parecia uma Hooker¹.

Os olhos do Milo fixaram o banco vazio ao lado dele.

— Queres beber um copo comigo?

— Oh... não. Eu, hum, só vim pagar o que te devo. — Retirei o dinheiro da carteira e entreguei-lho.

Ele descartou-me com um aceno de mão.

— Usa-o para pagares a próxima rodada.

Achei que uma bebida não faria mal a ninguém. O meu pescoço estava a dar cabo de mim. Detestava andar de avião, e um dia inteiro

¹ Além de ser um apelido, *Hooker* significa «prostituta». [N. T.]

à espera no aeroporto aliado à ansiedade de não saber onde iria passar a noite tinha-me deixado tensa. Talvez uma bebida me ajudasse a descontraír.

Assenti com a cabeça.

— Claro. Porque não?

O Milo fez sinal ao barman enquanto eu me sentava no banco ao lado dele.

— Ed. Esta é a minha irmã, a Maddie. Maddie, este é o Ed.

O barman esticou o braço para me apertar a mão.

— É um prazer conhecer-te, Maddie.

— A ti também.

— O que queres tomar?

— Hum. Pode ser uma vodca de arando com lima, por favor.

O Ed bateu com os nós dos dedos no balcão.

— Já trago. — Olhou para a minha esquerda. — Queres outra *Coors Light*, Milo?

— Pode ser. Obrigado, Ed.

Ri-me quando o barman se afastou.

— Chamas-te mesmo Milo ou estás a assumir a personagem?

Ele encolheu os ombros.

— Gosto mais do nome Milo. Pensei em mudar de nome. Por isso estou a ver se me habituo.

Não consegui perceber se ele estava a brincar ou não.

— Como preferires.

— Então, Mads, qual é a tua desculpa para não teres um quarto de hotel esta noite?

Suspirei.

— É uma longa história.

Ele levantou a manga da camisola e rodou o braço para consultar o relógio.

— Foi o que eu pensei.

— O quê?

Ele encolheu os ombros.

— Tenho muito tempo para ouvir uma longa história.

Ri-me baixinho.

— Bem, para evitar que morras de tédio, vou dar-te a versão abreviada. — Fiz uma pausa para pensar como haveria de explicar e decidi que não iria pôr paninhos quentes. — Estou cá porque este seria o destino do meu casamento e da minha lua de mel. O meu ex-noivo cancelou o casamento há uns meses. O valor dos nossos bilhetes e da estadia no hotel não era reembolsável, por isso decidi usá-los e sair da minha cidade por uns dias. Há pouco tempo, ele contactou-me novamente para me dizer que sentia a minha falta. Por isso achei que seria a altura ideal para fazer uma viagem de introspeção. Mas ao fim de dois dias de uma viagem que estava reservada para dez dias, cheguei à conclusão de que tinha sido uma péssima ideia e decidi regressar a casa. Só que me esqueci de verificar as condições meteorológicas antes de fazer o check-out esta manhã. Por isso fiquei o dia todo sentada no aeroporto e, quando cancelaram o meu voo, percebi que os hotéis da zona estavam todos lotados e que o hotel onde tinha a reserva já tinha cedido o meu quarto a outra pessoa.

O Milo arqueou as sobrancelhas.

— Uau! Que história lixada.

Soltei uma gargalhada.

— Obrigada. Isso faz-me sentir muito melhor.

— Desculpa — respondeu ele, rindo-se baixinho.

O barman trouxe-me a bebida.

— Queres que inclua na tua conta?

— Incluí a bebida dela na minha conta, Ed.

— Oh, não é preciso. Só vou beber este copo, por isso eu pago.

— Eu insisto. — Ele piscou-me o olho. — A mãe não ia ficar nada contente se eu deixasse a minha maninha pagar.

Pousei os 40 dólares que estava a dever-lhe à frente dele no balcão.

— Obrigada. Então fica com o dinheiro que te devo pelo quarto.

O Milo Falso acenou com a cabeça.

— Muito bem, o que aconteceu?

Porque é que parecia que eu andava sempre às aranhas quando falava com este homem?

— Como assim? Referes-te a quê?

— Disseste que o teu noivo cancelou o casamento. Ele sempre foi um idiota e tu só descobriste agora ou a história tem mais que se lhe diga?

— Não te parece uma pergunta um pouco pessoal?

Ele encolheu os ombros.

— Sou o teu irmão. Podes contar-me o que quer que seja. Além disso, já me passou pela cabeça que tenho de lhe dar uma tarefa por ter magoado e defender a honra da minha irmã.

Gostei do Milo Falso e do seu sentido de humor seco. O problema é que não havia nenhuma resposta simples que eu pudesse dar-lhe para explicar o rompimento do meu noivado. Embora me parecesse que o homem que estava sentado ao meu lado estava realmente à espera de uma resposta.

— Não precisas de lhe dar uma tarefa. Na verdade, a culpa também foi minha.

Ele arregalou os olhos.

— Como assim? A culpa também é tua por aquele palerma ter cancelado o casamento?

— Não tenho culpa pela forma como ele lidou com a situação, mas talvez tenha culpa por aquilo que levou ao rompimento.

— Que desculpa é que ele pode ter para cancelar um casamento? Se não tens a certeza, não fazes o pedido.

Como é que eu poderia explicar...

— Quando ele me conheceu eu era um espírito livre e adorava divertir-me. Na verdade, era o completo oposto dele. Mas sabes que os opostos se atraem, não é? Apesar de ele ser mais certinho, sentia-se atraído pela minha personalidade indomável. Mas, com o passar dos anos, eu mudei. Tornei-me... mais parecida com ele. E eu julgo que, apesar de nos respeitarmos mutuamente, ele acordou um dia e percebeu que precisava de recuar antes de se comprometer para a vida com alguém que já não era a mesma pessoa.

— Quanto tempo durou o vosso noivado?

— Um ano.

O Milo franziu o sobrolho.

— Porra, isso é uma desculpa esfarrapada, não te parece? Não há justificação nenhuma para andar a iludir uma pessoa até quase à data do casamento. — Ele deu um gole na cerveja e pousou a garrafa com estrondo. — Achas que a história tem mais que se lhe diga? Que se calhar ele andava metido com outra mulher e se sentiu culpado? Não é que ele tivesse algum motivo para fazer isso quando te tinha a ti em casa.

Abanei a cabeça.

— Não, acho que ele não faria uma coisa dessas. Quer dizer, houve vezes em que suspeitei de algumas das colegas dele. Alguns colegas do escritório dele saem muitas vezes juntos depois do trabalho. E bebem um pouco a mais da conta. Mas acho que ele nunca fez mais do que arrastar-lhes a asa.

Relembrar-me de tudo o que tinha acontecido com o Brady estava a começar a deixar-me maldisposta.

— Como é que ele te disse... que não se queria casar? — perguntou o Milo.

— Disse simplesmente que já não tinha a certeza de que estava a tomar a decisão certa. As palavras dele foram muito vagas. Foi tudo muito repentino. Embora devesse ter previsto este desfecho, não previ. Acreditava mesmo que ele me amava, apesar de a nossa relação ter mudado. Foi como disse, não o critico por ter mudado de ideias.

— Devias criticá-lo pela forma como se comportou. Foi incorreto da parte dele ter-te deixado planear o casamento e depois desistir à última hora.

— Pareceu-me que ele estava a sofrer por ter de fazer aquilo. Penso que não foi uma decisão fácil. Provavelmente já tinha tomado essa decisão há bastante tempo, mas estava relutante em dizer-me. Ele fartou-se de pedir desculpa.

— Meu Deus. Bem tem motivos para isso.

Revirei os olhos.

— Pois.

— Mas sabes que mais?

— O quê?

Ele fez uma pausa.

— Ele é um idiota. Um dia destes vai arrepender-se.

Senti as faces afogueadas e, por instantes, os nossos olhares cruzaram-se.

— Isso é muito simpático da tua parte. Se não soubesse a verdade, pensaria que *eras* mesmo o meu irmão — disse eu, baixinho. — Estás a ser bastante protetor em relação a uma pessoa que nem sequer conheces.

Ele virou-se para o barman.

— Podes trazer outra bebida à minha irmã, Ed?

Ergui as palmas das mãos e disse:

— Não sei se deva beber outra.

— Confia em mim. Bem vais precisar.

— Porquê?

— Porque eu estou prestes a pôr tudo em pratos limpos e podes precisar de uma ajuda para descontraír.

Eu semicerrei os olhos.

— Ah, sim?

— Sim.

O Ed colocou outro copo com vodca de arando à minha frente.

O Milo sorriu.

— Bota abaixo.

Bebi um longo gole e senti o álcool a queimar-me a garganta.

— O que é que eu preciso de estar bêbeda para ouvir?

O Milo debruçou-se.

— O teu ex-noivo vai voltar para te implorar que lhe dês outra oportunidade.

— Como é que sabes isso?

— Simplesmente sei. Os homens são burros e ele vai perceber que cometeu um erro e vai tentar reconquistar-te.

Pelo tom de voz dele, fiquei com a sensação de que ele aprendera aquilo por experiência própria.

— Falas por experiência própria? — perguntei.

— Por acaso, sim. Aconteceu a mesma coisa com o meu irmão. Foi um pouco diferente da tua situação, porque ele traiu a minha cunhada com uma colega de trabalho. Ela perdoou-o, aceitou-o de volta e, como forma de agradecimento, ele voltou a traí-la, mas dessa vez com outra colega. O meu irmão sempre foi um imbecil, mesmo quando éramos crianças. Eu adoro-o, mas ele é um imbecil. As pessoas não mudam, Maddie. Não mudam. E se esse fulano te conseguiu dar com os pés com tanta facilidade, vai voltar a fazer merda. Ele não te merece.

Uma parte de mim queria acreditar que ele estava enganado.

— Não consigo abandonar a esperança de não ter andado a desperdiçar os últimos anos da minha vida.

O Milo encolheu os ombros.

— As pessoas estão sempre a fazer maus investimentos. O que tens de fazer é admitir que foi um erro e seguir em frente. Não deves andar a bater no ceguinho só porque a relação deu para o torto. — Ele calou-se. — Talvez a expressão não tenha sido a mais correta. Mas não batas no ceguinho. Esquece isso e segue em frente. Sabes o que acontece quando tentas bater no ceguinho?

— O quê?

— Ele bate-te de volta.

Ri-me baixinho.

— Está bem. Já percebi. Contudo, não é propriamente fácil ultrapassar um relacionamento que durou vários anos. Mas agradeço o teu conselho.

Ele piscou-me o olho.

— É para isso que servem os irmãos mais velhos. — Bebeu um gole da cerveja. — Diz-me porque é que te consideras tão entediante.

Baixei o olhar para o copo.

— Já nem me reconheço, Milo.

— Além de estares a fazer-te passar por uma Hooker, o que é que queres dizer com isso?

Aquele comentário fez-me rir.

— Para que conste, estamos os dois a fazer-nos passar por Hookers. E essa é uma longa história.

Ele fingiu que baixou novamente o olhar para o relógio.

— Mais uma vez, o que não me falta é tempo. Caso não tenhas visto as previsões meteorológicas nos últimos dias, nenhum dos dois vai onde quer que seja nos próximos dias.

— É verdade.

Ele sorriu.

— Então conta-me.

Deixei escapar um longo suspiro.

— Bem, para que me possas compreender, tenho de te dizer que os meus pais eram *hippies*.

Ele cruzou os braços.

— Paz e amor... que bom.

Acenei com a cabeça.

— Mudámos muitas vezes de casa quando eu era pequena. Sempre me senti revoltada por ter de estar sempre a trocar de escola. Mas, à medida que fui crescendo, fui-me habituando a esse estilo de vida. Depois de concluir a faculdade, transformei-me nos meus pais.

— Tornaste-te uma *hippie*?

— Não propriamente. Mas nunca ficava num só lugar. Sou fotógrafa. Há alguns anos, depois de sair da faculdade, trabalhei para uma revista de música e viajei pelo país para fotografar várias bandas. Já tive a minha quota-parte de autocarros de digressão. E deixa-me que te diga que, na altura, eu gostava de me divertir com os membros das bandas. Foi uma experiência divertida durante muito tempo até que...

Ele terminou a minha frase.

— Até que deixou de ser.

— Exatamente. A dado momento, cheguei à conclusão de que me estava a transformar nos meus pais e, embora fosse divertido quando eu tinha 20 e poucos anos, estava a começar a faltar-me.

— Com que então demitiste-te desse trabalho?

— Nessa altura, não. Conheci o meu ex-noivo num concerto, por mais irónico que pareça.

O Milo acenou com a cabeça.

— O dia em que a música morreu...

Aquele comentário fez-me rir de novo. Ou talvez a culpa fosse do álcool.

— Ele era tudo o que eu não era: muito ligado às suas origens. E, pela primeira vez na minha vida, comecei a acreditar que queria esse estilo de vida, ao invés do que tinha. Penso que estava à procura de uma sensação de segurança mais do que qualquer outra coisa.

Ele recostou-se na cadeira para estar mais confortável.

— Consigo compreender isso.

— Os pais dele estavam casados há 35 anos e ele continua a ir à casa onde cresceu todos os domingos à noite para jantar com a família. Eu não tinha nenhuma base familiar verdadeira, por isso decidi demitir-me do trabalho para estar ao lado dele.

— Deixaste de fotografar?

— Não. Ele ajudou-me a abrir um estúdio particular. Entretanto, tornou-se um estúdio de fotografia escolar de sucesso. Sou a rainha das fotografias de escola da minha cidade.

— Fascinante. Usas aqueles raios laser azuis e cor-de-rosa falsos nos fundos das fotografias?

— Claro que não! Isso é tão anos oitenta. Acho que a minha mãe tinha uma fotografia de escola igual a essas.

— Acho que todas as mães tinham. E não te esqueças dos rostos a flutuarem no canto superior da fotografia — disse ele, soltando uma gargalhada.

— Posso dizer com orgulho que as minhas fotografias são muito mais elegantes do que isso.

— Agora falando a sério, ainda bem que encontrei uma forma de tirar partido dos teus talentos.

Encolhi os ombros.

— A fotografia escolar é pouco criativa, mas paga-me as contas e ajuda a manter o estilo de vida confortável a que me habituei.

— No entanto, por vezes, apetece-te trocar o confortável pelo indomável, não te apetece?

Parecia que, para ele, eu era transparente.

A forma como pronunciou a palavra *indomável* provocou-me um arrepio na espinha. Adorava o som daquela palavra a sair da boca deste homem.

Senti o calor subir ao meu rosto.

— Credo! Passámos este tempo todo a falar de mim. Ainda nem te perguntei que raio *fazes* em Vail.

— Por acaso, sou daqui. Cresci em Vail.

Aquilo surpreendeu-me.

— A sério?

— Sim.

— Então porque estás hospedado num hotel?

— Já não vivo aqui. Vim visitar os meus pais e uns amigos. Eles vivem nos subúrbios e eu queria passar uns dias aqui no meio do bulício.

— Onde é que vives agora?

— Seattle.

— Em que é que trabalhas?

— Sou professor de música numa escola secundária.

Não sei porquê, mas aquela revelação aqueceu-me o coração. Tinha ótimas memórias dos meus professores de música, que foram a minha inspiração inicial para seguir uma carreira na fotografia da área.

— A sério? Isso é muito porreiro.

— Bem, eu tento ser *porreiro*, mas, por norma, os meus alunos topam-me a milhas.

Caramba. Eu podia imaginar uma porção de adolescentes com as hormonas aos saltos a terem uma paixoneta por este tipo. Quanto mais olhava para ele mais começava a sentir-me um pouco como uma dessas raparigas. Ele era sexy de uma forma despreocupada, com o cabelo em perfeito desalinho. Parecia haver um brilho permanente nos seus olhos quando olhava para mim de uma forma um pouco minuciosa e tremendamente sexy. E nem me façam falar daqueles lábios carnudos. Eram uma grande distração.

Abanei a cabeça, porque a última coisa que precisava era de continuar a fantasiar com um estranho qualquer que não voltaria a ver depois de amanhã.

Pigarreei.

— Uau. Está bem. Ambos trabalhámos em setores ligados à música, só que, no teu caso, de uma forma bastante diferente.

— Como deves compreender, quando disseste que eras fotógrafa de bandas, despertaste a minha atenção. Só que eu supervisiono viagens de estudo em autocarros escolares, ao passo que tu passeias em autocarros de *digressão*. Parece-me muito mais entusiasmante.

Suspirei.

— E era.

— Presumo que namoraste com alguns músicos?

— Só com um. O Herbie Allen. O baterista dos Snake. Já ouviste falar dele?

— Claro que sim. Porque é que as coisas não resultaram?

— Namorámos alguns meses e depois eu cheguei à conclusão de que um namoro com um músico acabaria inevitavelmente num desgosto amoroso. Tinha muito medo de sair magoada, por isso acabei com ele. Até é irónico, tendo em conta que foi o meu noivo conservador que acabou por me partir o coração. Provavelmente estaria mais segura com o Herbie. Pelo menos ele era mais transparente. — Abanei a cabeça para descartar aquele pensamento. — Mas conta-me como é que acabaste por te tornar num professor de música.

Ele fitou-me durante uns segundos.

— Essa história tem de ficar para outra altura.

Abanei a cabeça.

— Não vai haver outra altura. Não vamos voltar a ver-nos depois de hoje.

Ele piscou-me o olho.

— A noite é uma criança, mana.

Quem é este homem e porque é que me fascina a ponto de quase me fazer esquecer que estou presa na porcaria deste hotel por causa da neve? Por que motivo lhe estou a contar a história da minha vida?

Tinha muitas outras perguntas para fazer ao «Milo», mas ele voltou a desviar o assunto para mim.

— Quem és tu, na verdade, Maddie?

Agitei o que me restava do cocktail no copo e depois respondi-lhe com sinceridade.

— Já não sei bem, Milo. Não sei mesmo. Sinto-me demasiado perdida, como se não soubesse que direção seguir na vida. — Ergui o olhar na direção dele. — Mas, neste momento, sinto-me bastante feliz por ser apenas a Maddie, por esquecer os meus problemas durante algum tempo.

— Então, vais continuar a ser a Maddie — disse ele, esboçando um sorriso. — Fazemos o que te fizer feliz. Encara o tempo que passamos aqui como uma pequena aventura.

— Gostava muito, Sr. Hooker.

— Muito bem, menina Hooker.

Suspirei.

— Perdi o meu sentido de aventura nos últimos anos. Já questioneei se o facto de o meu noivo ter cancelado o casamento poderia ser um sinal de que eu estava a seguir na direção errada. Todos os dias eram iguais. E, por muito que eu gostasse da estabilidade, não sei se esse estilo de vida faz parte da minha natureza.

— Linda menina. Encara aquilo que aconteceu como a tua escapatória e que, a partir de agora, viverás coisas melhores e mais importantes. Dá para ver a necessidade de aventura refletida nos teus olhos.

— Qual é a personificação da necessidade de aventura? Uma pessoa cansada e maluca?

Ele limitou-se a rir.

Mantivemo-nos durante mais algum tempo no bar a desfrutar da nossa conversa e, por fim, decidimos ir deitar-nos. O Milo deixou uma gorjeta generosa ao Ed e depois encaminhámo-nos para a zona dos elevadores.

Chegados aos nossos quartos adjacentes, ficámos hesitantes em entrar.

Eu fui a primeira a falar.

— Bem... foi uma conversa agradável. Obrigada pelas bebidas.

Apesar de, basicamente, me estar a despedir, nenhum de nós se mexeu.

De repente, o Milo abanou a cabeça.

— Não.

Fiquei confusa.

— Não?

— Isto não pode acabar assim, comigo a regressar ao meu quarto e contigo a regressar ao teu. Adormecemos e amanhã de manhã vai cada um para seu lado. Tu disseste que desejas aventuras, certo?

O meu ritmo cardíaco acelerou.

— O que é que tem em mente, Sr. Hooker?

— Trouxeste a tua máquina fotográfica contigo?

— Claro. Que fotografia seria eu sem ela?

A boca dele curvou-se num sorriso malicioso.

— Ainda bem. Vai lá buscá-la. E depois vai ter comigo à receção daqui a dez minutos. Veste o teu casaco e roupas quentes.

SERÁ QUE TUDO NÃO PASSOU DE UM ROMANCE DE FÉRIAS?

Mesmo com o casamento cancelado, decidi não me ir abaixo e aproveitar a viagem que já estava marcada, mas um enorme temporal estragou-me os planos e deixou-me sem lugar onde ficar hospedada. Na mesma situação que eu estavam centenas de outras pessoas, entre elas um homem que vi a fazer-se passar por outra pessoa para conseguir vaga num hotel. Ao perceber que a reserva incluía dois quartos, reagi de modo impulsivo e, em vez de denunciar, fingi ser a irmã dele. E foi assim que nos tornámos a Maddie e o Milo Hooker.

Passámos os dias seguintes juntos a explorar a cidade. Quando chegou o momento de nos separarmos, nenhum de nós queria fazê-lo, pelo que decidimos continuar a aventura com uma viagem de carro. Mas, por mais intensa que fosse a química entre nós, eu não estava preparada para me envolver, por isso fizemos um acordo: voltaríamos a encontrar-nos dali a três meses.

Só que o regresso a casa foi mais difícil do que eu tinha pensado. Será que havia lugar para ele no meu futuro ou seriam as memórias da nossa viagem apenas uma boa lembrança?

Não perca as fantásticas histórias desta dupla de autoras:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-851-1



9 789895 648511

Romance Erótico